

A INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE NA REALIZAÇÃO DAS ATIVIDADES DA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA EM QUÍMICA

Mateus da Silva Gonçalves¹
José Gildemberg dos Santos Girão²
Washington de Moura Lopes³
Rondinelle Ribeiro Castro⁴
Francisco Ranulfo Freitas Martins Júnior⁵

RESUMO

O texto objetiva demonstrar como a afetividade influenciou práticas de residentes em atividades docentes no âmbito do Programa de Residência Pedagógica (PRP), vinculado ao Curso de Licenciatura em Química da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (FAFIDAM), unidade da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Dentre as escolas-campo pertencentes ao Subprojeto de PRP mencionado, foi escolhida a EEM Lauro Rebouças de Oliveira (Limoeiro do Norte-CE) como *locus* no qual as experiências relatadas neste trabalho foram desenvolvidas. Destaca-se a importância da afetividade expressa pelos participantes deste trabalho, quando interagiram com os alunos por meio de docência em Química. Desde a semana pedagógica na escola, no início do ano letivo, eles participaram das atividades, até o último dia de aula do primeiro semestre letivo do ano de 2023, desenvolvendo, sobretudo, diferentes ações em regência de aula. As anotações no diário de campo deles, assim como suas discussões e diálogos em reuniões no PRP, foram usadas como insumos para refletir sobre a observação do comportamento dos alunos da educação básica. Neste sentido, as vivências no PRP, oriundas dentro e fora da sala de aula foram analisadas e, então, registradas com base no aspecto afetivo dos processos de ensino e aprendizagem. Concluiu-se que a afetividade entre residentes e alunos foi satisfatória, estimulando posteriormente a aprendizagem de conteúdos químicos por meio do ensino promovido pelos residentes.

Palavras-chave: Afetividade, Residência Pedagógica, Regência em Química.

INTRODUÇÃO

Afetividade, substantivo feminino que denota, segundo o dicionário *Oxford Languages*, qualidade ou caráter de quem é afetivo e, ademais, conjunto de fenômenos psíquicos que são experimentados e vivenciados na forma de emoções e de sentimentos. Dessa forma, afetividade não é apenas psicológico ou biológico, separados por si só, mas sim, a integração de ambas as

¹ Graduando em Química (Licenciatura) pela Universidade Estadual do Ceará – UECE/FAFIDAM, mateuzinho.silva@aluno.uece.br;

² Graduando em Química (Licenciatura) pela Universidade Estadual do Ceará – UECE/FAFIDAM, jose.gildemberg@aluno.uece.br;

³ Professor Especialista da Educação Básica do Estado do Ceará, washington.moura@convenio.uece.br;

⁴ Doutor pelo Curso de Farmacologia pela Universidade Federal do Ceará - UFC, rondinelle.castro@uece.br;

⁵ Professor orientador: Doutor em Educação pela Universidade Estadual do Ceará - UECE, ranulfo.freitas@uece.br.

partes, onde o que é pensado ou sentido pelo *córtex* cerebral e pelo sistema límbico, e transmitido para o restante do corpo.

Com isso, pode compreender que afetividade é um conjunto de sentimentos que envolvem empatia, respeito, carinho, compreensão e, acima de tudo, amor. Dessa forma, ser afetuoso é importante para o bem-estar do aluno, para que consiga atingir sucesso na aprendizagem e um ambiente escolar acolhedor, podendo motivar os alunos a aprender, engajar e desenvolver cognitivamente e socialmente. Sendo assim, uma relação saudável entre professor e aluno tem potencial de ajudar na formação da autoestima e em vínculos positivos.

A afetividade é de grande importância no desenvolvimento, com isso, é esperado que todos sejam envolvidos com ela, pois desempenha papel fundamental no amadurecimento humano, e com isso, exerce influência em boas relações sociais futuras. Dessa forma, criar um ambiente escolar que seja afetivo pode, e deve gerar resultados significativos no aprendizado do aluno. Saindo do foco educacional, os alunos podem também melhorar seu comportamento em sociedade civil, criando então, cidadãos mais empáticos e compreensivos perante os impasses da vida cotidiana.

Todo e qualquer aluno já teve um professor que deixou marcas em sua vida, sejam marcas positivas ou marcas negativas, dessa forma, a afetividade existente no processo das interações sociais dentro da escola, professor/aluno e aluno/aluno, podem influenciar no desenvolvimento cognitivo e na aprendizagem. Situando-se na temática afetividade, este relato de experiência busca explicar como a interação entre professor-aluno, por meio de um programa de formação inicial de professores da educação básica, a Residência Pedagógica, foi influenciada pela afetividade entre os residentes e seus respectivos alunos. O relacionamento entre os residentes e alunos se deu numa escola regular de ensino médio (EEM Lauro Rebouças de Oliveira), localizada no município de Limoeiro do Norte-CE.

Dando ênfase nas práticas pedagógicas mais afetivas, o que mostra ser bastante eficaz dentro do recinto escolar, é essencial a criação de um ambiente em que os alunos se sintam acolhidos e habituados. Com isso, é fundamental que se estabeleça uma relação entre o docente e o discente, visando não apenas a relação cognitiva, mas também a relação afetiva. Desse modo, o entrelaçamento dessas relações, de modo mediado, pode assumir um papel principal no sucesso da aprendizagem dos educandos.

A relação de confiança entre discentes e docentes, beneficia ao aluno a se sentirem mais confortáveis e seguros para pedirem ajuda e explicações, sendo que, quando um aluno se sente amado e respeitado o ambiente escolar se torna mais agradável e motivador. Um espaço cordial aprimora a autoestima, autoconfiança e aprendizagem dos alunos, onde habitam pessoas mais

compreensivas e que sabem lidar com as emoções de forma mais acolhedora e atrativa para a melhor interação.

Com isso, o objetivo desse relato é demonstrar como a afetividade influenciou as práticas de residentes em atividades docentes do Programa de Residência Pedagógica do Curso de Licenciatura em Química da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (FAFIDAM), unidade da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Para a análise do comportamento estudantil, foram utilizadas anotações feitas no diário de campo, vivências e percepções dentro das regências, conversas com os alunos nos corredores da escola e diálogos retirados das reuniões com o núcleo na escola-campo e a coordenação do Subprojeto de Residência Pedagógica, no curso supracitado.

METODOLOGIA

Esta seção foi elaborada tendo por base uma descrição sucinta sobre a escola-campo das práticas docentes desempenhadas, as atividades de observação e regência dos residentes, rubricas de atividades realizadas no 1º Módulo da Residência no Subprojeto da Licenciatura em Química da FAFIDAM, reuniões de planejamento entre os integrantes do Programa alocados na escola-campo e as próprias interações entre residentes e alunos da educação básica.

A Escola de Ensino Médio (EEM) Lauro Rebouças de Oliveira possui 1.100 alunos, alocados nos turnos manhã, tarde e noite, divididos em 1º, 2º, 3º anos da modalidade regular e na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), do ensino médio. Juntamente com o professor/preceptor, os residentes planejaram atividades para serem aplicados dentro de sala de aula, com o objetivo de criar um ambiente escolar mais afetivo e compreensivo em que os alunos conseguissem desenvolverse ativamente dentro de sala.

Na primeira fase do módulo do PRP, sendo essa, a fase de observação, os residentes puderam perceber esse comportamento restritivo dos alunos ao receberem os novos “intrusos” em seu *habitat*, onde muitos deles apresentavam uma postura limitada a poucas palavras com os futuros profissionais de educação. Com isso, os residentes registravam em seus diários de campos a conduta dos alunos para que nas futuras reuniões pudessem criar estratégias que desenvolvesse o paramento comportamental dos alunos.

Nas reuniões do núcleo da escola-campo mencionada, a maior questão que os residentes levantavam foi justamente essa falta de proximidade e entendimento com os alunos, e com essa discussão, os residentes puderam notar que o problema não era apenas com um residente e em apenas uma sala, mas sim, algo mais abrangente e relevante. A escola apresenta muitos alunos

em condições de vulnerabilidade social, e por conta disso, apresentam comportamentos que necessitam de uma maior atenção, uma vez que o que acontece fora da comunidade escolar influencia diretamente na vida estudantil.

Foram considerados para a construção desse relato de experiência os diálogos informais fora da sala de aula, onde os alunos usavam desse tempo para explicar os motivos pelos quais não estavam tendo um bom rendimento escolar e até mesmo conversar e desabafar dos problemas que tinham com seus familiares, relacionamentos amorosos e de amizades e, ainda, inseguranças perante a adolescência e vida adulta. Os problemas e a falta de confiança no relacionamento familiar eram em grande frequência, onde alunos rejeitavam realizar provas externas, como o Exame do Ensino Médio (ENEM), pois seus familiares destilavam discursos de reprovação e não incentivo aos alunos.

Com ajuda do preceptor nos momentos de reunião, em que ele possuía um conhecimento prévio de como funcionava a vida estudantil de alguns alunos, houve orientação e instigação com os residentes, para pensar em estratégias na ajuda para melhoria da relação afetiva em sala de aula. Estratégias essas que foram levadas para as socializações com a coordenação do subprojeto e os núcleos das outras escolas, para que assim, pudessem fomentar a criatividade dos outros residentes a melhorarem suas relações com seus alunos, isso é, caso necessário. A Figura 1 demonstra um dos primeiros momentos de reunião do núcleo da escola-campo, onde o aspecto afetivo da docência começou a aflorar.

Figura 1 – Na FAFIDAM/UECE, reunião entre preceptor e residentes da EEEM Lauro Rebouças de Oliveira



Fonte: Arquivo dos autores.

Explorando a motivação para estudar química

A escola apresenta um papel de suma importância dentro dos aspectos da educação, no fazendo parte de um conjunto de segmentos históricos da humanidade e que traz consigo um papel relevante no processo de desenvolvimento do ser humano. Deste modo, dando ênfase no ensino de Química, na qual em prática docente é comum alguns alunos questionarem sobre acerca do motivo pelo qual estudam esta disciplina escolar, onde por parte deles o conteúdo químico, de modo geral, não agrega em suas futuras profissões (CARDOSO; COLINVAUX, 2000).

Vale salientar que é interagindo com os alunos e apresentando as grandes contribuições da Química para a humanidade, no qual se destaca por grandes feitos, como por exemplo, nos avanços no tratamento de doenças. O estudo da química possibilita aos alunos, na visão de Cardoso e Conlivaux (2000), uma visão crítica do mundo que o cerca, tendo condições de perceber a interferência em situações que afetam a sua qualidade de vida, como o impacto ambiental provocado pelos rejeitos industriais que poluem o ar, a água, o solo etc.

A afetividade na relação educativa

De modo geral, ser professor denota um processo de constante evolução (RIBEIRO, 2010). Sendo assim, o papel do professor está sempre mudando, e com isso, ele deixou de ser um sujeito que apenas repassa conhecimentos e informações para ser um ajudante na construção do conhecimento. É importante destacar que essa parceria deve ser mediada e cuidadosa, ressaltando a importância do papel do professor e respeito mútuo. É evidente que, quando os alunos possuem um bom relacionamento com os professores, os indicadores da turma tendem a melhorar, pois, os alunos veneram mais as disciplinas que são administradas por professores no qual se possui uma relação afetiva estável do que das disciplinas ministradas por profissionais que existe uma relação não afetiva e turbulenta (RIBEIRO, 2010). Sendo assim, as duas condutas podem gerar resultados positivos e negativos.

Profissionais afetivos tendem a ter resultados positivos quando incentivam os alunos a estudarem, a se dedicarem e a participarem e interagirem mais durante as aulas (SARNOSKI, 2014). Em contrapartida, educadores menos afetivos costumam enfrentar turmas desinteressadas, desmotivadas e, conseqüentemente, menos interativas, no qual rejeitam

qualquer método do professor. Com isso, é coerente a importância da conduta afetuosa na formação dos estudantes, sendo ela que apresenta bons resultados tanto no aprendizado, quanto na elevação da autoestima dos alunos.

A afetividade no processo de ensino e aprendizagem: diálogos em Wallon e Vygotsky

A escola é um espaço onde convivem diferentes pessoas, divergentes em todos os sentidos, dessa forma, a instituição escolar tem grande contribuição para o desenvolvimento da aprendizagem, e por isso que qualquer atividade realizada, nos parâmetros da afetividade, deve ajudar no processo de ensino (SANTOS; JUNQUEIRA; SILVA, 2016). Com isso, a presença ou a falta dela pode implicar no desenvolvimento de diversos aspectos cognitivos e sociais de cada ser social. Diante disso, quando se remete a afetividade no contexto educacional, os professores precisam se atentar a condição emocional de seus alunos, visto que eles apresentam rotineiramente muitos sentimentos que interferem decisivamente no processo de sua própria aprendizagem. Neste sentido, Santos, Juqueira e Silva (*apud* WALLON, 1992) afirmam que:

A afetividade é uma fase do desenvolvimento humano, a mais arcaica. O ser humano foi, logo que saiu da vida puramente orgânica, um ser afetivo. Da afetividade diferenciou-se, lentamente, a vida racional, portanto, no início da vida, afetividade e inteligência estão sincronicamente misturadas, com o predomínio da primeira (p. 90).

Sabendo da importância da afetividade, é preciso destacar que ela não assume um papel decisivo no aprendizado, ou seja, se por acaso não existir afeto na relação professor aluno, não significa que não há compreensão do conteúdo abordado, pelo contrário, a afetividade assume papel facilitador na aprendizagem, gerando espaços de segurança e confiança (LEITE, 2012). Com isso, o professor não pode negligenciar os sentimentos e anseios de seus alunos, ele tem que está aberto para dialogar com eles, buscando ouvi-los e entendê-los.

Afetividade na família

As primeiras interações que um indivíduo realiza são com os seus familiares, contatos estes que possibilitam as primeiras noções de afeto e falta dele, podendo acarretar complicações nas futuras relações sociais que esse indivíduo possa realizar (DE PAULA; DE FARIA, 2010). Como resultado, cria-se indivíduos com dificuldade de se expressar, socializar e com baixa autoestima. Dessa forma, é inquestionável a influência que a afetividade tem na vida das pessoas e, por consequência, em suas relações. De Paula e De Faria (2010) comentam que:

Vygotsky e Wallon descrevem o caráter social da afetividade, sendo a relação afetividade-inteligência fundamental para todo o processo de desenvolvimento do ser humano. Cabe ao educador integrar o que amamos com o que pensamos, trabalhando de uma só vez, a razão e a emoção. Só se aprende a amar, quando se é amado. Por isso a criança tem que se sentir amada, para descobrir o que é amor. Nós não damos aquilo que não temos (p. 04).

A falta de afetividade por parte dos familiares induz problemas relacionados à aprendizagem dos alunos, pois quando não se tem amor e carinho dentro de casa, é provável que esse estudante tenha um *déficit* de criar uma relação saudável com seus professores, onde provavelmente ele guardará suas dificuldades e dúvidas para si, ao invés de dividi-las com seus professores. A afetividade dos familiares é de grande importância para o aprendizado dos alunos, visto que quando os pais se importam com o emocional e marcam presença na vida escolar de seus filhos, os estudantes se sentem motivados a aprenderem mais, pois ficam orgulhosos de seus resultados, seja positivo ou negativo, e não se abalam tanto com o último, em virtude da rede familiar afetuosa que possuem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nas primeiras regências foi observado que os alunos se sentiam desconfortável ao falar diretamente em público, tanto com o professor/preceptor e/ou com os residentes, seja por suas características pessoais ou por medo de errar. Diante disso, surgiu um desafio para os residentes, sendo esse, fazer com que os alunos pudessem se relacionar melhor entre eles e, conseqüentemente, ter uma boa interação com os professores e residentes.

Os professores passam a maior parte da carga horária em contato direto com os alunos, ou seja, um bom relacionamento professor-aluno implica ativamente na vida do docente e do discente, e segundo Luria (1991, p. 72): “[...] a grande maioria dos conhecimentos e habilidades do homem se forma por meio da assimilação da experiência de toda a humanidade, acumulada no processo da história social e transmissível no processo de aprendizagem”. Este contexto demonstra uma relação estável e equilibrada com base na afetividade, acarretando melhor compreensão e assimilação dos conteúdos por parte dos discentes.

Foi possível observar, no cenário deste trabalho, que a afetividade obteve resultados significativos com os educandos, de modo que, um dos principais fatores para desenvolver a relação de afetividade foram os diálogos e conversações. Ao iniciar as regências, os alunos apresentavam insegurança em comunica-se com o professor/preceptor, e conseqüente, com os

residentes, ou seja, não era possível ter um *feedback* de como estava o rendimento da turma, isso é, sem ser baseado nas notas obtidas nas avaliações.

Tal cenário foi imbuído nas ações docentes promovidas no âmbito do Programa de Residência Pedagógica, em que no primeiro momento das ações, os alunos agiam como se tivesse um “intruso” em sala de aula, com olhares tortos e estranhos, e ainda com fofocas e burburinho para saber quem era e o que iria fazer ali. Com o passar dos dias, as coisas foram mudando, os residentes se tornaram mais próximos dos alunos, onde além de priorizar o conhecimento escolar, tiravam um tempo para dialogar sobre problemas que os alunos passavam, seja dentro de casa ou até mesmo no ambiente escolar.

Dessa forma, surgiu a indagação: residente/professor é psicóloga? Não, não é. Porém, o que foi mostrado com decorrer do tempo na E.E.M Lauro Rebouças de Oliveira, é que muitos dos alunos necessitavam de afeto e carinho, e por conta dessa falta, muitos deles tinham um comportamento inadequado dentro de sala de aula, sempre com a necessidade de chamar a atenção para si, e depois de conversas, entendimentos e até desentendimentos entre alunos e residentes, houve uma significativa melhora no comportamento dos alunos. Tal constatação se assemelhou com os achados de Santos, Junqueira e Silva (2016), quando o autor discorre sobre o papel da afetividade como facilitadora na vida desses alunos, criando um espaço seguro e confiável para a aprendizagem.

Contudo, apenas o relacionamento com os alunos não é suficiente para que a prática docente do professor/residente possa ocorrer naturalmente. Uma boa comunicação e relação com o núcleo gestor da escola e ainda com o professor/preceptor é de suma importância para que os futuros profissionais de educação que participam do PRP. O núcleo gestor da escola, principalmente no que remete a diretora, ofertou as melhores condições para que os residentes pudessem atuar com convicção e liberdade dentro da sala de aula, sempre ajudando com materiais pedagógicos, incentivando a inovação dentro do ambiente escolar e, ainda, frisando que todo o núcleo pedagógico agia constantemente com compromisso em ajudar na construção da identidade docente dos residentes.

Com a ajuda do preceptor, os problemas ficaram mais fácil de lidar, em que a experiência dele contribuiu positivamente para saber a melhor forma de lidar com os alunos. Visando sempre o modo mais atrativo para os alunos, o preceptor incentivava de todas as formas possíveis os residentes a trazerem algo inovador para captarem a atenção dos alunos, e conseqüentemente, a criação de ambiente onde os alunos pudessem ter um melhor aprendizado e que eles não enxergassem os residentes como um predador, e sim, como alguém que estava ali para ajudar, respeitar e incentivar. A relação afetuosa que o professor/preceptor e os

residentes construíram com os alunos ajudou no alcance de resultados positivos, como propõe Ribeiro (2010) ao enfatizar que docentes que incentivam seus alunos, e conseqüentemente dão apoio moral a eles usam do diálogo como ferramenta educativa, conseguindo bons resultados nos processos de ensino e aprendizagem.

Por fim, destaca-se que a Coordenação do Subprojeto, constituída por dois docentes orientadores, por sua vez, fez total diferença para a execução e implementação do PRP, desde a ambientação na escola, em que eles levaram cada aluno para conhecer sua respectiva escola, em decorrência dos residentes residirem em outro município diferente do qual a escola-campo está localizada. Ademais, eles incentivaram os residentes a lerem e escreverem sobre o material pedagógico, constituído por textos que relatam experiências de outros residentes em Química que também superaram dificuldades no âmbito da Residência Pedagógica, e conseguiram se sobressair.

A Figura 2 demonstra um dos momentos de afetuosidade entre um dos residentes e os alunos do 3º ano do ensino médio da escola-campo, o que causou aumento na vontade deles em estudar e aprender Química, como descrevem Cardoso e Colinvaux (2000) sobre a motivação pelo estudo dessa disciplina.

Figura 2 – Na EEM Lauro Rebouças de Oliveira, registro com um dos residentes e alunos



Fonte: Arquivo dos autores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O aumento da afetividade e engajamentos dos alunos com os residentes trouxe vários benefícios: alunos mais felizes e satisfeitos com a escola; aprendizagem melhorada, dando ênfase em um ambiente mais propício para o aprendizado; autoestima mais elevada quando

recebiam afeto e incentivo dos professores e residentes; e potencialização na relação aluno-professor, propiciando um ambiente escolar mais pacífico.

Cada aluno tem sua forma de aprender e diferentes níveis de compreensão, por isso é importante prestar atenção e tentar personalizar o ensino e a necessidade de cada um. Sendo assim, devido as diferenças o que torna cada pessoa única, a sala de aula é um local de respeito mútuo, de diálogo, cooperação e troca de ideias em que todos devem ser ouvidos, pois todo indivíduo é importante e merece ser respeitado.

Portanto, a afetividade no ensino foi essencial para melhorar o desempenho escolar, aumento da motivação para estudar e autoconfiança, em que as técnicas e estratégias utilizadas foram validadas para os estudantes em questão, onde foi possível transformar a experiência dos aprendizes e ajudá-los a serem mais plenos e felizes enquanto aprendem.

Com isso, percebe-se que as influências da afetividade presente no contexto escolar colaboraram significativamente para melhorar a relação aluno-residente, destacando o comportamento dos alunos, entendimento dos conteúdos didáticos repassados e relacionamento social. Sendo assim, conclui-se que a afetividade no ensino é essencial para um ambiente saudável, harmonioso e proveitoso para todos os lados envolvidos.

Vale destacar que a implementação da afetividade no ensino pode trazer a tona diversos desafios, como a resistência de alguns educadores por acharem que a dureza é mais eficiente do que a afetividade, assim como alunos desinteressados podem criar uma barreira para a construção de um espaço educacional acolhedor, cobrança excessiva de pais e gestores por um desempenho auto, são exemplos do que podem levar a alguns professores a serem mais rígidos e apenas repassarem os conteúdos programados, deixando de lado a criação de vínculos com seus alunos.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos especial a Universidade Estadual do Ceará - UECE, precisamente a Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos - FAFIDAM, por ter possibilitado essa experiência tão gratificante e importante para o crescimento acadêmico, juntamente com todo conhecimento adquirido no Programa de Residência Pedagógica da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. Os sinceros agradecimentos a todos que apoiaram a produção deste artigo, principalmente aos professores orientadores do Subprojeto de Residência Pedagógica. Um agradecimento especial ao nosso professor preceptor, por toda paciência e incentivo na realização das práticas pedagógicas nas regências e construção deste manuscrito.

Gratidão a Escola de Ensino Médio Lauro Rebouças de Oliveira, por todo acolhimento e apoio aos residentes.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, S. P.; COLINVAUX, D. Explorando a motivação para estudar química. **Química Nova**, v. 23, p. 401-404, 2000.

DE PAULA, S. R.; DE FARIA, M. A. Afetividade na aprendizagem. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, v. 1, n. 1-2010, 2010.

LEITE, S. A. Afetividade nas práticas pedagógicas. **Temas em Psicologia**, v. 20, n. 2, p. 355-368, 2012.

LURIA, A. R. A atividade consciente do homem e suas raízes histórico-sociais. **Curso de psicologia geral**, v. 1, p. 71-84, 1991.

RIBEIRO, M. L. A afetividade na relação educativa. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 27, p. 403-412, 2010.

SANTOS, A. O.; JUNQUEIRA, A. M. R.; SILVA, G. N. da. A afetividade no processo de ensino e aprendizagem: diálogos em Wallon e Vygotsky. **Perspectivas em Psicologia**, v. 20, n. 1, p. 86-101, 2016.

SARNOSKI, E. Afetividade no processo ensino-aprendizagem. **Revista do Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai**, v. 9, n. 20, p. 1-14, jul-dez, Montevideú, 2014.